

a

**Reino
dos
bichos
e dos
animais
é o meu
nome**

Stel

do

ocínio

Patr

Organização e apresentação
Viviane Mosé

Copyright © 2001 Viviane Mosé e Museu Zoológico de Rio de Janeiro
Copyright de todos os direitos © 2001 Fundação Zoológica

REINO DOS BICHOS E DOS ANIMAIS É O MEU NOME

97142
Fundação Zoológica de Rio de Janeiro
Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome
Fundação Zoológica de Rio de Janeiro
Livro, em
Fundação Zoológica de Rio de Janeiro
Fundação Zoológica de Rio de Janeiro

STELA DO PATROCÍNIO

organização e apresentação:
VIVIANE MOSÉ

Este livro é dedicado a Carla Guagliardi,
que muito sabidamente recolheu e guardou
em fitas cassete, durante anos, os textos
que aqui estão impressos.

2001

copyright © 2001 Viviane Mosé e Museu Arthur Bispo do Rosário
copyright desta edição © 2001 Azougue Editorial

coordenação editorial: Sergio Cohn
editora assistente: Mariana Niemeyer
projeto gráfico: Sergio Cohn
capa: Carla Guagliardi
revisão: Viviane Mosé

P314r

Patrocínio, Stela do.

Reino dos bichos e dos animais é o meu
nome / Stela do Patrocínio -

Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

160p. ; cm.

ISBN 85-88338-07-6

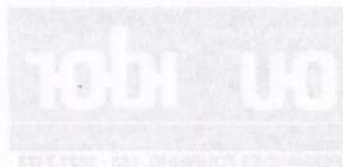
1. Poesia Brasileira. I. Título.

CDD:B869

Este livro é dedicado a Carla Guagliardi,
que muito sabiamente recolheu e guardou
em fitas cassete, durante anos, os textos
que aqui estão impressos.

azougue editorial

www.azougue.com.br



AGRADECIMENTOS

Antes de tudo a Carla Guagliardi, Neli Gutmacher e Mônica Ribeiro de Souza, que conheceram e reconheceram Stela, produzindo a interlocução que culminou neste livro.

A Denise Corrêa, pessoa que, além de muitos outros trabalhos significativos na área de saúde mental, produziu estes encontros.

A Pedro Silva, médico que acompanhou Stela até seus últimos momentos.

A Julius Teixeira, psiquiatra do IMSJM, que brigou muito por este livro.

Ao músico e artista plástico Cabelo, que me levou até Carla Guagliardi.

A Ana Claudia Barreto, por suas leituras e incentivo.

A Karyn Mathuy, pela sua generosidade e ajuda preciosa na hora H.

E a Ricardo Aquino, diretor do Museu Bispo do Rosario, que levou este processo à sua conclusão.

AGRADECIMENTOS

"A percepção que o homem ocidental tem de seu tempo e de seu espaço deixa aparecer uma estrutura de recusa, a partir da qual se denuncia uma fala como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo direito a um lugar na história".

Michel Foucault

Prefácio à *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, Paris, Plon, 1961.

ESTRELA

“O que há de novo em sua poesia não é o novo, mas o antigo.”

Felipe Milanes

O texto de Stela do Patrocínio que vem à luz não é apenas um livro, mas um espaço de literatura, de arte, de pensamento, de maior importância e significado. Ele se soma aos livros de depoimentos de escritores, relatando suas experiências internas em salas (Lina Barato e Maria Lúcia Cardoso), autores realizando ações sobre suas experiências (Paulo Coelho), jornalistas oferecendo reportagens (Júlio Pinheiro), poetas (J. F. Barros) e professores (Ricardo Aquino, Luiz Faria de Castro), para citar alguns. A cada livro se soma agora o texto de Stela do Patrocínio que chega com vigor e densidade, fazendo-se necessária.

Stela iniciou sua carreira profissional em 1982, no Centro Patrocínio Pedro II (no Engenho de Dentro RJ). Em 1988, foi transferida para a então Colônia Juliana Mourir-RJ, onde permaneceu por quase trinta anos sem ter nunca mais saído de lá. Stela do Patrocínio foi uma sobrevivente do processo de mortificação característico das estruturas psiquiátricas arcaicas e tradicionais, os salões. Nessas, há o apagamento das individualidades, da sup-

SUMÁRIO

ESTRELA

13

APRESENTAÇÃO

Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica

19

PARTE I

Um homem chamado cavalo é o meu nome

45

PARTE II

Eu sou Stela do Patrocínio, bem patrocinada

59

PARTE III

Nos gases eu me formei, eu tomei cor

75

PARTE IV

Eu enxergo o mundo

85

PARTE V

A parede ainda não era pintada de tinta azul

95

PARTE VI

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome

107

PARTE VII

Botando o mundo inteiro pra gozar
e sem gozo nenhum

119

PARTE VIII

Procurando falatório

135

STELA POR STELA

145

CRONOLOGIA

155

ESTRELA

"O que brilha com luz própria ninguém pode apagar"

Pablo Milanez

O texto de Stela do Patrocínio que vem à luz neste livro já nasce como um marco na literatura brasileira, revestindo-se da maior importância e significado. Ele se soma aos livros de depoimentos de escritores, relatando suas experiências internados em asilos (Lima Barreto e Maura Lopes Cançado), autores realizando ficção sobre suas experiências (Paulo Coelho), jornalistas oferecendo reportagens (Hiran Firmino), pacientes (L. F. Barros) e profissionais (Ricardo Aquino, Luiz Paiva de Castro), para citar alguns. A estes todos se soma agora o texto de Stela do Patrocínio que chega com vigor e densidade, fazendo-se história.

Stela iniciou sua carreira psiquiátrica em 1962, no Centro Psiquiátrico Pedro II (no Engenho de Dentro, RJ). Em 1966, foi transferida para a então Colônia Juliano Moreira-RJ, onde permaneceu por quase trinta anos sem ter nunca mais saído de lá.

Stela do Patrocínio foi uma sobrevivente do processo de mortificação característico das estruturas psiquiátricas arcaicas e tradicionais, os asilos. Nestes, há o apagamento das individualidades, da sub-

jetividade, do desejo e da singularidade. As pessoas ficam reduzidas a um amontoado, sem formas e sem rosto. O uniforme é apenas símbolo da real uniformização da impessoalidade. O tempo é o tempo da morte. O tratamento dito científico se reduz ao controle dos corpos e ao enquadramento, pela violência, daqueles que ousam desafiar a Ordem destas estruturas que se assemelham aos campos de concentração nazistas. A antiga Colônia chegou a ter 7.700 pacientes amontoados.

Seu texto é um depoimento sobre o que foi a assistência psiquiátrica nas décadas de sessenta, setenta e início dos anos oitenta, num grande manicômio do Rio de Janeiro, bastante próximo do que ocorre em todos os asilos e hospitais psiquiátricos brasileiros tradicionais. Ele foi tecido a partir de gravações em fitas realizadas no período de 1986 a 1989. Em 1992, Stela faleceu nas dependências da Colônia. Debalde os esforços realizados. Nunca foram localizados os parentes; nunca procuraram por ela, não reclamaram a sua ausência...

Stela do Patrocínio sobreviveu tal como Anne Frank, através do seu diário, ou Antonin Artaud, dos seus textos. Podemos afirmar que Stela foi uma exceção. Ela escapou de ser mutilada pela lobotomia. Em meio a milhares, ela encontrou em seus escritos e ditos a maneira de se manter viva.

Desde a década de oitenta, a antiga Colônia passa por transformações no sentido da humanização e do resgate da cidadania dos usuários dos servi-

ços de saúde mental. Foram abolidos os castigos, a lobotomia, as celas fortes, o eletrochoque, etc. Hoje os portões estão abertos, e a vida passou a ser reinventada.

Stela do Patrocínio pôde se beneficiar deste movimento que denominamos de Reforma Psiquiátrica. A sua fala passou a não ser mais lida como delírio, nem seus escritos banalizados como excentricidades.

Graças a iniciativas de voluntários, como a artista plástica, supervisora das atividades, Neli Gutmacher, e aos estagiários, na pessoa de Carla Guagliardi, foi possível, pelas gravações que fizeram, manter viva a palavra de Stela. Uma outra estagiária, Mônica Ribeiro de Souza, realizou a transcrição das fitas. Eram pessoas que chegavam para romper as amarras do silêncio que o asilo impunha e que tiveram a sensibilidade de reconhecer, na fala de Stela, o brilho de uma estrela.

Os voluntários e estagiários se somaram, com o viço das suas vidas, a alguns profissionais recém-chegados à Colônia e que se engajaram no Movimento para reforma das estruturas arcaicas. Citamos alguns, próximos a Stela, com o risco de cometermos injustiça com outros, como o Dr. Pedro Silva e Denise Corrêa. Pontuamos estas pessoas para destacar que este livro resulta de um processo coletivo, construído, em muitos momentos, no anonimato e nutrido do sentimento da solidariedade com os que não possuem amanhã nem ontem.

A chegada de Viviane Mosé ao Museu, no final

dos anos noventa, foi o impulso apaixonado que possibilitou a organização deste livro.

A força do texto de Stela do Patrocínio possibilitou que ele rompesse as muralhas da instituição em 1988, na Exposição "Ar subterrâneo", no Paço Imperial do Rio de Janeiro, onde foi mostrado, ao lado de trabalhos das oficinas artísticas. Foi a partir deste trabalho que o artista plástico e músico Cabelo começou a usar, nos shows do grupo Boato, frases de Stela. E foi o resgate feito por Viviane Mosé que, em 2001, permitiu a encenação de uma adaptação para o teatro: "Stella do Patrocínio óculos, vestido azul, sapato preto, bolsa branca e... doida", monólogo interpretado por Clarisse Baptista e dirigido por Nena Mubárac, apresentado no Rio Branco (Acre), Festival de Curitiba e no Espaço Sérgio Porto no Rio de Janeiro.

Queremos preservar a obra da autora e inseri-la no circuito cultural, abrindo-a à discussão e reflexão. Importa chamar a atenção para as relações entre linguagem, loucura e cultura. O embate da Reforma Psiquiátrica se passa na cultura, no olhar sobre a diferença e como a sociedade lida com o Outro. É uma luta maior por cidadania e se soma à luta dos deserdados, dos excluídos e dos marginalizados. Neste contexto, é importante o depoimento do que se passa(va) entre os muros do asilo, distante do olhar de todos, em nome de nossa cumplicidade. Queremos, de alguma forma, resgatar a dívida que a instituição, parte da sociedade, tem para

com Stela. Teremos nossos objetivos alcançados se esta iniciativa servir para multiplicar a voz de Stela do Patrocínio e sermos iluminados pelo seu brilho, pois, em suas palavras, "quem passa somos nós".

Ricardo Aquino

Diretor do Museu Bispo do Rosario

APRESENTAÇÃO

Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica

A Trajetória poética

Em 1986 a artista plástica Neli Gutmacher, professora, na época, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e seu grupo de alunos foram convidados pela Psicóloga Denise Corrêa para montar um ateliê, na então Colônia Juliano Moreira. O ateliê de artes plásticas, que não tinha fins terapêuticos, passou a ser realizado no pavilhão de mulheres, o Núcleo Teixeira Brandão. O local, um galpão minimamente adequado aos objetivos do projeto, funcionava uma vez por semana e era aberto à livre visitação. Durante dois anos artistas e internas conviveram em torno de uma produção plástica que culminou com a exposição "Ar Subterrâneo", no Paço Imperial. Naquele espaço foram expostos, entre diversos trabalhos, algumas falas de uma interna, transcritas para pequenos quadros. Estes textos eram de Stela do Patrocínio.

Stela do Patrocínio chamou atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Parecia uma rainha, não se portando como as outras, que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em um silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco. Apesar de freqüentar o ateliê, raramente utilizava os materiais propostos. Quando desenhava, o que era raro, eram coisas quase minimalistas, expressões pequenas, muito próximas à escrita. Algumas vezes escrevia em papelão, frases ou números. Mas o que realmente diferenciou Stela no grupo foi sua fala. Ao contrário das outras internas, que aceitavam se relacionar com tintas e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza desta preferência. Em sua fala desconcertante, incisiva, cada sílaba era pronunciada com gosto.

Pouco se sabe de seu passado: ¹que nasceu a 9 de janeiro de 1941, filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio. Que se dizia solteira, doméstica, de instrução secundária. Que morava (o que não foi confirmado) na Rua Maria Eugênia 50, apto 501, Botafogo. Que tinha como familiar responsável o sobrinho, Reinaldo do Patrocínio, cujo

¹ O pouco que sabemos foi recolhido por Mônica Ribeiro de Souza, estagiária de psicologia que transcreveu pela primeira vez a fala de Stela pro papel. Além disso, entrevistamos, para compor esta apresentação, Neli Gutmacher e Carla Guagliardi, as artistas plásticas que gravaram as conversas de Stela em 1984, além de seu médico Dr Pedro Silva.

endereço, Estrada da Gávea 460, Rocinha, não pode ser confirmado. Que este sobrinho a visitou um tempo e depois desapareceu. Que dizia ter duas irmãs, Ruth e Olívia, já falecidas, e um cunhado, marido de Olívia e pai dos três sobrinhos: Reinaldo Cosme e Eduardo. Que a mãe já foi interna do Núcleo Teixeira Brandão e conseguiu sair antes que ela desse entrada naquele hospital. Que era doméstica na Urca, na mesma casa em que a mãe enlouqueceu. Que quando via visitar a mãe, trazida pelo motorista da patroa, levava doce e fumo de rolo. Que do pai nada dizia.

Aos 21 anos foi admitida no Pedro II. Diagnóstico: "personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas". Vinha da quarta Delegacia de Polícia. Quatro anos depois foi transferida para a Colônia. Adorava leite condensado, coca-cola, biscoito de chocolate, maço de cigarros, caixa de fósforos e óculos de sol. Participava das atividades propostas. Não perdia a lucidez. Cuspia os psicotrópicos. Só era medicada quando ameaçava se jogar pela janela. Ficava bem sem medicação.

Quando conheceu o pessoal do ateliê tinha 45 anos e nenhum dente na boca. Começam a chamar Stela de poeta e filósofa. Ela responde: "quem me dera!". Depois de 30 anos de isolamento, em função de hiperglicemia grave, teve a perna amputada. Ficou muito triste, parou de falar e de comer. A ferida não cicatrizou. Stela morreu de infecção generalizada.

Foi em função das pesquisas que vinha desenvolvendo em tese de doutoramento, que fui convidada, pelo então Museu Nise da Silveira, para um trabalho no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Um dos pontos fundamentais a serem tratados em minha tese de doutoramento em filosofia (IFCS-UFRJ), que discute o problema da relação entre sujeito e linguagem em Nietzsche, é colocar em questão o projeto de racionalidade que sustentou, tanto a linguagem conceitual, quanto o sujeito de conhecimentos. Ao realizar, no decorrer de toda sua obra, uma minuciosa genealogia da razão, Nietzsche denuncia os valores niilistas em que este projeto de humanidade se sustenta. E propõe, em suas últimas obras, o que chama de "Transvaloração dos valores". É em direção aos valores que Nietzsche aponta sua máquina de guerra: é preciso tornar visível o jogo moral que a razão oculta em sua aparente busca da verdade. O que a razão quer é, desde seu nascimento platônico, rejeitar uma parte da vida, a que muda, a que delira, a que morre. O que a razão quer é produzir um mundo de identidades e verdades, um mundo previsível e claro. Em consequência, tudo que é escuro, imprevisto, móvel, múltiplo, é excluído, transposto para o lugar do erro, da ilusão, do mal. É neste espaço que se insere a loucura. E muitas vezes a arte. A transvaloração nietzschiana caminha exatamente na direção de um pensamento capaz de se sustentar, não mais na

identidade, mas na mudança, não mais na razão, mas na arte. Estas questões, que implicam em desdobramentos complexos demais para serem tratados aqui, nos importam na medida em que se dão em torno de um eixo bastante consistente em Nietzsche: a necessidade de pensar o estatuto da razão e da linguagem, como instâncias de produção e sustentação do niilismo, que é negação da vida, por ser a negação da dor, do tempo, da loucura e da morte. Portanto, discutir o problema da linguagem em Nietzsche é também discutir o nascimento da razão e do sujeito, que se impõem desde seu nascimento como negação, respectivamente, da arte e da loucura. O problema da loucura, em sua relação com a linguagem, amplamente tratada pelo filósofo Michel Foucault, será rapidamente apontado adiante. Foi, enfim, em função destas questões que considere a convivência naquela instituição uma experiência valiosa, para ambas as partes.

O trabalho, de cunho voluntário, tinha dois objetivos: organizar o material escrito pelos pacientes em uma publicação, e realizar oficinas literárias com os internos. Infelizmente, por uma série de razões, este trabalho não pôde ser concluído. E uma destas razões foi, sem dúvida, a dimensão que os textos de Stela adquiriram no trabalho como um todo. Assim que tive contato com os textos de Stela, me pareceu evidente se tratar de um outro tipo de texto. A diferença em relação ao que já conhecia de outros pacientes era explícita.

O que vinha percebendo, na maioria dos textos que chegavam a mim desde que comecei o trabalho, era que, em geral, quando um interno buscava se manifestar pela palavra, isto se fazia na direção da interioridade e da subjetividade, o que é bastante compreensível dadas as condições fragmentárias de um psiquismo que procurava se reunir. Se por um lado isto parecia ajudar o paciente a se organizar, por outro o discurso perdia em intensidade, em poesia; uma intensidade ao contrário bastante familiar ao discurso louco. O que quero dizer é que, ou o discurso louco se mantinha em sua fragmentação delirante, e escorria como um líquido derramado, ou este discurso se circunscovia em limites subjetivos bastante rígidos e muito pouco poéticos. Com Stela era diferente, ela parecia capaz de se organizar neste limite, nesta tensão entre ordem e ausência de ordem. Sua palavra é capaz de se manter sem se sustentar, necessariamente, nos limites subjetivos, gramaticais e lógicos, ou seja, não é exatamente este tipo de ordenação que sua linguagem ou seu psiquismo buscava. Ousaria dizer que Stela se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação. A palavra lhe parecia muito íntima, muito próxima, não a palavra da comunicação, do "rebanho" como diria Nietzsche, mas uma palavra deslocada da interioridade e da subjetividade cotidianas. Stela era capaz de lançar um olhar sobre a condição asi-

lar e, ao mesmo tempo, dimensionar este olhar em uma interpretação do que seria a condição humana: uma fala atravessada por outras falas. Stela falava de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar, ou seja, produzir uma dobra sobre si mesma. Mais do que isso, Stela falava de sua própria fala, o que implica em uma operação ainda mais elaborada: falar sobre o falar nada mais é do que mais uma vez se desdobrar. Esta perspectivação operada por seu pensamento me fez entender que não se tratava de um jorro inconsciente - Stela sabia da importância de seu "falatório". Além disso, a simplicidade formal e a clareza daquele discurso desconcertante eram evidentes. A partir desse primeiro contato, procedi a uma série de iniciativas, no sentido de reunir o maior material possível sobre Stela.

Hoje eu sei que Stela do Patrocínio escreveu de seu próprio punho algumas coisas. Ela gostava de escrever em papelão. Mas estes escritos não foram encontrados. O mais perto que pude chegar das palavras de Stela foi com a audição de duas fitas cassete, contendo gravações de conversas realizadas entre ela, a artista plástica Neli Gutmacher e a então estagiária Carla Guagliardi. Foi destas duas fitas cassete, gravadas entre 1986 e 1988, e que se encontravam sob os cuidados de Carla Guagliardi na Alemanha, onde mora atualmente, que saiu a grande maioria dos textos aqui impressos. Outra fonte foi o trabalho realizado em 1991 pela então

estagiária de psicologia Mônica Ribeiro, que novamente a partir de uma iniciativa da psicóloga Denise Correia, transcreveu para o papel algumas falas de Stela, material que ficou arquivado no então Museu Nise da Silveira, hoje Museu Bispo do Rosário.

A primeira coisa que é preciso ressaltar, em relação à presente publicação, é que se trata de uma transposição: o que foi uma fala aparece aqui como escrita. Tratam-se de dois universos distintos e que permanecerão distintos. Não apenas porque desconhecemos o que Stela teria escrito, já que escrever respeita a um outro tipo de estruturação de linguagem, como também porque, ao transpor esta fala para a escrita, não estaremos reproduzindo o que ela disse. A fala não pode ser desvinculada do som, da tonalidade, da musicalidade que a acompanha. Principalmente em se tratando de Stela, que falava de uma forma muito própria; suas palavras, extremamente bem pronunciadas, eram sempre carregadas de muita emoção. Essa força interpretativa o texto impresso não pode ter.

Portanto, entre a fala de Stela e este livro, existe e existirá sempre um hiato. Mais do que isso, este hiato encontra-se alinhavado pela tentativa de produzir este livro. Talvez um dos maiores alinhaves tenha sido optar por selecionar os textos. Outra possibilidade seria publicar literalmente as conversas, uma saída sem dúvida cuidadosa, mas que me pareceu pouco atrativa para uma primeira publicação. É assumindo essa irremediável interferên-

cia que insisto em falar de transposição. Explicitar essa transposição é o mínimo necessário no sentido de estabelecer os limites de sua abrangência.

A primeira preocupação que tive, ao iniciar o trabalho de organização deste livro, foi encontrar a sonoridade dos textos. Nesse sentido, as fitas casete foram de total valia, já que, além de trazer novos textos, alguns ainda inéditos, permitiu conferir suas pausas. Ou melhor, tornou possível descobrir de que forma Stela fazia suas pausas. Depois de ouvir uma pequena parte da fita, confirmei que ela usava sempre o mesmo ritmo, possibilitando esta configuração equilibrada que adquirem seus textos quando escritos. Outra consideração que merece ser feita é em relação à correção gramatical: Stela raramente cometia erros. Mesmo depois de quase trinta anos isolada, vivendo em um ambiente como sabemos ser o hospital psiquiátrico, ela raramente deslizava, o que me poupou correções. A única interferência nesse sentido que optei por fazer foi, algumas vezes, substituir o "tô" por "estou" ou ainda o "tive" por "estive", o que fiz somente quando havia uma repetição muito grande dos termos, carregando a escrita de um peso que não havia no texto falado. Portanto, os poucos erros gramaticais permanecem no texto impresso, como vocês poderão perceber. Quanto à seleção dos materiais, o que terminei por apresentar são, muitas vezes, falas inteiras, ditas num só fôlego. Outras vezes são fragmentos de conversas, partes que isolei de um con-

texto. Gostaria, ainda, de ressaltar que em nenhum momento fiz cortes internos ao texto, quero dizer, quando selecionei fragmentos estes foram publicados em sua totalidade, isoladamente. O contrário disso seria cair no erro de construir um novo poema “colando” partes antes isoladas. Isto não foi absolutamente feito.

Quanto à estrutura do livro, sua composição em partes, o que me ocupou foi uma tentativa de aproximação da fala como um todo: ouvi inúmeras vezes os textos, percebi as repetições temáticas, as repetições literais, frases que ela gostava. Aos poucos, não pude me furtar de perceber o encadeamento entre os assuntos, a conexão dos temas, a malha de sentido que fazia transparecer uma perspectiva, uma configuração, um olhar. O que saltava daqueles textos era o olhar de Stela diante da vida, um olhar marcado por uma incrível perplexidade. Perplexidade diante do corpo, da forma, da matéria humana, e, principalmente, diante do próprio olhar que assiste a tudo, que enxerga tudo, que vê o processo de formação, de “formatura”. Stela, “que não existia/ não tinha uma matéria”, se vê obrigada “a nascer todo dia”. É o que ela “enxerga, vê, percebe, espia”: a passagem dos gases, do espaço vazio, “nos gases eu me formei”, para a matéria humana, “em carne humana e pesada”. O olhar de Stela é um olhar que, despojado das conexões conceituais, vê a materialidade em seu desdobramento próprio. Na medida em que se desdobra

como corpo, como sujeito, ela se desdobra como olhar, um olhar desvinculado da linearidade cotidiana. Ao falar, ao configurar em palavras esse olhar, Stela localiza, produz forma, ao mesmo tempo em que toma forma. Mas Stela não se fixa em uma configuração, ao contrário, ela é a encarnação de um fluxo incessante de formas. Stela está no tempo, sua palavra nasce do mesmo modo como nasce seu corpo: do espaço vazio, do tempo e dos gases, nasce cabeça, nariz, boca e falatório. “Eu não tinha formação/ não tinha formatura/ não tinha onde fazer cabeça/ fazer braço, fazer corpo/ fazer orelha, fazer nariz/ fazer céu da boca/ fazer falatório/(...) eu era espaço vazio puro”.

Esta concepção da fala como olhar, como espacialidade, como configuração, foi o fio que me auxiliou na composição desta publicação. Neste sentido, as duas partes centrais do livro são a Parte III, “Nos gases eu me formei, eu tomei cor” e a Parte IV, “Eu enxergo o mundo”. Estas duas partes concentram os textos mais significativos do que penso ser a poética de Stela. A partir deste eixo nascem as outras partes. A primeira, “Um homem chamado cavalo é o meu nome”, fala de sua situação no hospital. É onde se depara, enxerga, localiza o hospital, sua “doença”, sua prisão, sua condição: “ficar pastando”. A segunda parte, “Eu sou Stela do Patrocínio, bem patrocinada”, é o momento em que se distingue do contexto hospitalar, se diferencia; aqui Stela adquire nome próprio, adquire pala-

vra. Esta diferenciação é uma etapa fundamental neste processo de configuração, que penso ser sua poesia. É ainda nesta parte que começa a falar de sua história. A parte V, "A parede ainda não era pintada de azul", é uma continuação desta história, onde aparecem correlacionados três temas de sua poesia: a alimentação, o sexo e a maternidade. Já a parte VI, "Reino dos bichos e dos animais é o meu nome", retorna à condição asilar do início, só que sob a metáfora dos animais e do zoológico. Agora ela se dá um novo nome, agora seu olhar se desdobra em um outro olhar: "meu nome verdadeiro é caixão enterro cemitério defunto cadáver". A parte VII, "Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum" traz o desgosto de Stela diante da constatação de que sua palavra não será capaz de tirá-la do isolamento. Fala, ainda, de sua família, a "família do cientista". Mostra que, mesmo tomando forma, permaneceria "cumprindo prisão perpétua", porque "quem vence o belo é o belo/ (...) quem vence o cientista é outro cientista". A última parte, "Procurando falatório", traz a consciência que Stela tinha de sua palavra, momentos em que falava sobre o falar. E por fim o texto surpreendente em que denuncia: "falo, falo, falo, falo o tempo todo/ e é como se eu não tivesse falado nada/ eu sinto fome matam minha fome/ sinto sede matam minha sede/ fico cansada, falo que tô cansada/ matam meu cansaço/ (...) quando eu reclamo". Stela não quer ser atendida. O que ela precisa é manter a interlocução,

o confronto. Atender às suas reclamações seria calar sua voz, seria pôr fim ao embate que lhe possibilita nascer, tomar forma, configurar. Ela sabe que "quem vence o belo é outro belo, quem vence o cientista é outro cientista", mas ela parece saber também que ao dizer de sua impossibilidade de vencer, de alguma forma vence. Por diversas vezes se refere a seu "falatório", que é sua diferença no espaço asilar; ou à sua capacidade de "botar o mundo inteiro pra gozar". Esta lucidez em relação à sua arte, depois de quase trinta anos neste espaço de absoluta uniformidade, é uma das coisas que mais impressiona em Stela do Patrocínio. Quem alguma vez visitou uma instituição psiquiátrica pode imaginar o que isto significa.

Uma outra questão, que a mim parece importante ser explicitada, diz respeito à intenção desta publicação. A qualidade do texto sempre me pareceu justificar uma publicação, no entanto, não é o valor literário que justifica publicar Stela. Muito antes, esta publicação quer partir de uma constatação: a de um discurso que ultrapassou os muros da instituição. Todos nós sabemos o que são estes muros e o que significa ultrapassá-los, principalmente se utilizando da palavra que, como nos mostrou Foucault, foi o primeiro domínio de exclusão da loucura.

A instituição psiquiátrica

Em "História da Loucura"² uma das questões fundamentais tratadas por Michel Foucault é a relação entre razão e loucura, ou seja, a história da loucura não pode ser desvinculada da história da razão. Mais do que isso, razão e loucura resultam de uma cisão no interior da linguagem, cisão que produz de um lado a razão como positividade, como afirmação, e de outro a loucura como negatividade, como ausência de razão. É a crença de que a loucura pode ser excluída do domínio do discurso, que funda a possibilidade da razão como um discurso verdadeiro; ou seja, a segurança e a certeza das categorias da razão se sustentam em uma linguagem capaz de excluir a loucura. Enquanto estas duas instâncias se comunicarem, enquanto algum tipo de troca existir entre estes dois domínios, a razão vai estar ameaçada pelo contágio do delírio, do erro, da ilusão. É preciso, portanto para fundar esta razão moderna, esta razão segura de si mesma, que a loucura seja excluída do domínio da linguagem.

A análise de Foucault parte da constatação de que na modernidade, "em meio ao mundo sereno da doença mental", não há mais comunicação entre razão e loucura, ao contrário, são duas dimensões isoladas marcadas pela inexistência de uma

² FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 15.

linguagem comum. Temos, de um lado, o louco, como alguém que sofre de uma doença, e de outro o médico, como alguém que detém o saber sobre a doença e pode curá-la. Estas duas configurações se comunicam unicamente com a instância que as tornou possível, a noção de doença mental. É a noção de doença mental que vai, na modernidade, mediar a relação razão-loucura, uma relação definida por uma ausência absoluta de comunicação.

É este isolamento que vai interessar Foucault. Como ele mesmo diz em seu primeiro prefácio de "História da loucura", o que o interessa não é uma história da psiquiatria, ou da linguagem médica que se estabeleceu sobre a loucura, mas, ao contrário, a arqueologia do silêncio em que a loucura esteve confinada. Ou seja, ele parte do princípio de que o isolamento da loucura não é privilégio da modernidade, mas resulta de um distanciamento anterior. O caminho de "História da loucura" é, então, pelo menos nesta perspectiva, procurar o momento, ou o gesto, que fundou esta distância. É no início da idade clássica, mais propriamente no pensamento cartesiano, que Foucault identifica este gesto. Ele aponta a razão cartesiana como resultado de uma cisão que exclui da razão qualquer aproximação com a loucura. Ao procurar, partindo da dúvida sistemática, um ponto fixo, uma verdade incontestável, onde possa sustentar a razão, Descartes depara com problemas como a ilusão dos sonhos, da loucura e todas as formas de erro. Mas

o erro dos sentidos e os sonhos são dificuldades que Descartes acaba absorvendo no interior do seu discurso: por mais enganadores que os sentidos sejam, eles não chegam a alterar nada, a força das ilusões deixa sempre um resíduo de verdade. Já em relação à loucura a questão é tratada de forma bastante distinta: se a ilusão dos sentidos e dos sonhos produz uma ilusão com relação às coisas, a loucura produz uma ilusão que atinge aquele que pensa. A condição para haver pensamentos é a de que “eu, que penso, não posso estar louco”. A loucura passa então a ser condição de impossibilidade do pensamento. Pensar implica na exclusão da loucura. Dessa forma, a segurança e a certeza das categorias racionais, desde Descartes, vão estar sustentadas não no pensamento, mas na segurança e na certeza do sujeito que pensa. Este gesto instaura uma cisão no interior do discurso, capaz de produzir, de um lado, o nascimento de um sujeito soberano, seguro de si, o sujeito de conhecimentos, o *homo dialecticus*, e, de outro, o louco, como ausência, de subjetividade consciente, de razão. Se em Descartes o pensamento é a garantia da existência, a ausência de pensamento que caracteriza a loucura desautoriza também a certeza de sua existência, e justifica as práticas de isolamento e exclusão que os próximos séculos vão produzir. Portanto, a questão que nos interessa, e que parece estar em evidência em “História da Loucura”, é uma determinada relação entre loucura e linguagem.

No centro da análise de Foucault está a época clássica, é a este período que ele atribui a cisão constitutiva que originou a oposição razão-loucura. Esta cisão, que exclui da razão qualquer possibilidade de manifestação da loucura, produz não somente, e ao mesmo tempo, razão e loucura, mas produz necessariamente o domínio da primeira sobre a segunda. Esta soberania da razão se deve não a uma positividade, mas a uma negatividade: ela nasce da exclusão, no interior do discurso, de tudo que diz respeito à loucura. Mas o que a época clássica viu nascer já estava de alguma forma presente desde o renascimento. A importância do renascimento na análise de Foucault está em que nele estão contidas duas formas diferentes e aparentemente contraditórias de relação com a loucura. Esta aparente contradição coexiste durante todo o início do renascimento.

Uma das formas com que a renascença se relacionou com a loucura foi através de sua manifestação como experiência trágica: no início do séc. XV uma inquietude vai emergir no horizonte do homem europeu, a loucura aparece como personagem de um grande desatino que nos arrasta a todos. Nas figuras e imagens do renascimento, a loucura surge como um saber sobre o mundo, um saber trágico, temível, mas que fascina o homem. No teatro, o louco passa a ocupar o lugar central, ensinando a cada um a verdade de sua condição. Mesmo no âmbito da razão e da verdade ela passa a ser conside-

rada: é objeto de discursos, sustenta discursos sobre si mesma, “é denunciada, se defende, reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão, de estar mais próxima da razão que a própria razão”. Mas é principalmente na iconografia, nos quadros de Bosch, Brueghel, Thierry Bouts que a loucura surge como revelação das formas subterrâneas do mundo, ou seja, é através das imagens que a ascensão do tema loucura, no início da renascença, pode ser mais imediatamente percebida.

Quando a rigidez das significações espirituais da idade média começa a se afrouxar, as imagens começam a gravitar sobre si mesmas, permitindo uma proliferação de sentidos. O poder da imagem não é mais o do ensinamento, mas do fascínio: está aberto o espaço para o sonho e para a loucura. As imagens apavorantes que a loucura faz surgir não serão interpretadas como aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas, muito pelo contrário, o que nasce do delírio será visto como algo oculto, como verdade inacessível, nas profundezas da terra³. Ou seja, a loucura passa a ser percebida como um saber. Um saber difícil, fechado, trágico. Mas esta relação com a loucura como saber trágico, não é, no entanto, única no renascimento. Figura e palavra, a princípio, tratam do mesmo tema, mas logo vão tomar direções opostas. As imagens, por um lado, cada vez mais em torno

³ Idem, p.22.

de si mesma, vão se entregar ao fascínio da loucura. Já os temas literários e filosóficos, por outro, vão apontar para uma consciência crítica da loucura.

A ausência de uma significação imediata, dada pela liberdade adquirida com o fim do rigor religioso da idade média, não vai provocar, ao nível do discurso, a mesma proliferação de sentidos que provocou no domínio das imagens. A presença da loucura na literatura e na filosofia se dará quase sempre a partir de um sentido específico: ela governa o que há de fácil, de alegre, de ligeiro no mundo⁴, é uma presença luminosa, sem enigmas. Nessa perspectiva, a loucura ainda atrai, mas não fascina. Com Brant, Erasmo, Montaigne, o homem avalia, pensa, elabora a loucura, buscando dominar as imagens que o fascinavam, o aterrorizavam. Ao contrário de uma manifestação cósmica, a loucura vai manifestar, no discurso, a fraqueza humana. A consciência crítica, ao considerar a loucura um erro, um defeito do homem, termina por inseri-la em um universo exclusivamente moral. Erasmo observa a loucura de longe e a avalia, ao contrário de Bosch, um espectador envolvido pelas imagens que faz brotar à sua frente. O que Erasmo elogia não é a insensatez do mundo, mas a “doce ilusão” que livra as almas de suas preocupações. É aí, quando se humaniza, que a loucura se desarma. Se antes estava protegida, por ser uma verdade do mundo, ou seja, era uma manifestação que não dependia dos

⁴ Idem, p.23.

homens, mas dos poderes soberanos do mundo, agora, atribuída ao homem, passa a ser desvio, erro e, portanto, passível de conserto, de cura.

A importância do Renascimento com sua dualidade na análise de Foucault é exatamente a de ser uma época que convive, simultaneamente, com estas duas formas de relação com a loucura. Duas formas de experiência que não vão se dar tão isoladamente, mas vão se encontrar, se entrecruzar, se comunicar durante muito tempo: se por um lado a razão julga e controla a loucura, por outro, a loucura mostra à razão a insignificância de sua verdade. É possível que esta comunicação seja a referência positiva que Foucault utiliza para criticar o distanciamento produzido na modernidade, ou seja, o início do renascimento mostra que essa comunicação é, de alguma forma, possível. Aquele confronto, entre consciência crítica e experiência trágica, vai marcar tudo que foi sentido e formulado sobre a loucura no início do Renascimento⁵. No entanto, aos poucos, esse confronto vai sendo desfeito, quando a reflexão crítica adquire um lugar privilegiado, mascarando a experiência trágica. Da mesma forma, é ainda no renascimento que Foucault percebe o início do processo que excluirá a loucura do domínio da linguagem, culminando com as formas de exclusão aperfeiçoadas pela época clássica e pela modernidade.

A internação dos loucos é apenas a parte visível do confinamento a que foi submetida a loucura na

⁴ Idem, p.23.

idade clássica. A exclusão social do louco, que data do nascimento das casas de internação no séc. XVII e dos asilos no início do séc. XIX, reproduz um isolamento constitutivo, dado por aquela cisão originária que se deu ao nível da linguagem: "A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só se deu sobre tal silêncio"⁶. A constituição da loucura como doença mental, no final do séc. XVII, resulta da apropriação da loucura pela razão: a loucura, incapaz de razão e de verdade, é capturada pela medicina, que, por sua vez, detém razão e verdade sobre a loucura. Esta apropriação vai aperfeiçoar o distanciamento produzido pela cisão cartesiana. A doença mental, como instância mediadora entre o homem de razão e o homem de loucura, vai dificultar ainda mais a relação entre ambos: agora, cada um, isoladamente, se relaciona com o mundo abstrato da doença. O psiquiatra não se relaciona com o louco, mas com o doente, e o louco não se relaciona mais consigo mesmo nem com outro, mas com a doença que o define.

A "História da Loucura" não somente permite colocar em questão o lugar de exclusão dado à loucura, mas discute, ainda, a racionalidade do homem moderno. A verdade da razão é aquilo que ela quer obstinadamente esconder. O fundamento da razão é o outro da razão, é a loucura. Acontece que este "outro" que a razão rejeita permanece inalterável

⁶ FOUCAULT, M. *Folie et Dérison, Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Plon, 1961, preface.

em seu curso. Sabemos que a história se fundamenta na produção e privilégio do sentido, mas sabemos ainda que este sentido se sustenta sobre o fluxo inalterável da ausência de sentido. A significação, diz Pierre Klossowski⁷, "não se desprende nunca totalmente dos abismos movediços que ela esconde. Toda significação continua sendo função do caos gerador de sentido". Esta é a tragicidade que a razão, através da crença nas idéias de verdade, identidade, causalidade, quer excluir. Ao excluir a loucura do discurso, o que a racionalidade clássica parece querer é não somente a exclusão, mas a eliminação mesma da loucura da face de nossa cultura, o que implica em eliminar tudo que seja desconhecimento, instabilidade, escuridão, representados na figura do louco.

O ocidente, até metade do século XVII, como vimos, mostrava-se bastante tolerante com os loucos e com a loucura. Mesmo inserida em um sistema de exclusão, a loucura participava do sistema social e do pensamento; os loucos, de alguma forma, estavam inseridos no tecido da sociedade. A partir do século XVII, no entanto, uma série de disposições vão ser adotadas no sentido de excluir o louco da sociedade. Esta ruptura, que se deu acima de tudo na ordem do discurso, vai se tornar manifesta em um sistema fundado sobre a força policial, como o internamento e os trabalhos forçados.

⁷KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio, Pazulin, 2000.

É na literatura do século XIX, com Sade, Holderlin, Mallarmé, Raymond Roussel, Artaud, que a loucura volta a se tornar manifesta⁸. O louco deixa de ser o personagem, aquele de quem se fala, para ser aquele que fala. Mais do que isso, por trás de todo escritor moderno, diz Foucault, esconde-se sempre a sombra do louco que o sustenta.

Este acontecimento, que é a literatura a partir do século XIX, instaura, no domínio da linguagem, a emergência do discurso excluído. Figuras como as de Artaud poderão um dia, diz Foucault⁹, pertencer à fundação de nossa linguagem e não à sua ruptura. Esta nova linguagem, se isto de fato acontecer, terá nascido de uma determinada relação com a loucura, que já pode ser identificada na literatura moderna. O que implica necessariamente em uma mudança no estatuto mesmo da linguagem, ou seja, em que nossa linguagem passe a se relacionar com aquilo que exclui. O irrompimento de um discurso excluído, no interior da linguagem que o exclui, corresponderia, em uma certa medida, à inclusão de um novo código no conjunto dos códigos usuais: um código que explicitaria a impossibilidade mesma de significação. Ou seja, cada fala deste novo discurso diria, não somente o que diz, mas enunciaria ainda sua própria limitação. Como se disséssemos alguma coisa e ao mesmo tempo anunciássemos que isto que está sendo dito é códi-

⁸FOUCAULT, Michel. *Loucura, literatura e sociedade*, In: *ditos e escritos*, vol. I. Rio, Forense, 1999.

⁹Ibid, *Loucura, ausência de obra*.

go, isto é, uma transposição metafórica. Dessa forma não teríamos apenas uma linguagem, mas duas, simultaneamente: a que atribui sentido, a que literalmente diz, e a outra, a nos lembrar que toda significação repousa sobre um fluxo contínuo, impossível de ser dito. Este gesto permitiria tornar explícito, no ato mesmo da fala, o procedimento que deu nascimento à linguagem. A este respeito nos diz Nietzsche:

“É necessário aqui, admirar o homem em virtude de ser um gênio poderoso da arquitetura que consegue erigir, sobre fundamentos moventes e de uma certa forma sobre a água corrente, uma cúpula intelectual infinitamente complicada: sem dúvida, para encontrar apoio sobre tais fundamentos, tem que ser uma construção como que de fios de aranha, tão tênue a ponto de ser carregada pelas ondas, tão firme a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento”¹⁰.

É sempre sobre fundamentos móveis, sobre a água corrente, que sustentamos nossa produção de sentido: é esta “verdade” que a loucura manifesta em seu discurso, e que obstinadamente a racionalidade buscou excluir. A explicitação deste processo é o caminho que a linguagem parece estar tomando: uma linguagem dobrada sobre si mesma, que não fala mais do que da possibilidade ou da impossibilidade mesma de falar.

¹⁰ NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral** in Livro do Filósofo.

A fala de Stela do Patrocínio é valiosa antes de tudo pelo que diz: ela registra um lugar, uma condição, a da internação em regime fechado, que já desaparece de nossa cultura. Mas é muito mais valiosa pelo caráter vitorioso de sua conquista da exterioridade: ler e ouvir Stela é integrá-la no discurso que um dia a excluiu.

Que a fala do mundo seja acrescida da fala de Stela.

... e lá, dentro do Posto Securo, eis me aplicou uma
Ponta Securo perto da Praia de Botafogo, e lá,
voto uma dona me falou que dentro do Posto do
lado nada, que não para de ficar chorando, ei
... e lá, dentro do Posto Securo, eis me aplicou uma
Ponta Securo perto da Praia de Botafogo, e lá,
voto uma dona me falou que dentro do Posto do
lado nada, que não para de ficar chorando, ei

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando
na Rua Voluntários da Pátria ao lado de Luis,
com um óculos, vestido azul, sapato preto, com
uma bolsa branca, com um dinheiro dentro,
porque eu ia pagar o ônibus e ia voltar na Central
do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma
refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil
que ia pra Copacabana, ia chegar em
Copacabana, ei eu peguei o carro ainda na Rua
Voluntários da Pátria com o Luis, ao lado do Luis,
o Luis foi ao bar, eu estava ao lado do Luis, cami-
nhando ao lado do Luis na rua Voluntários da
Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria
ao lado do Luis, o Luis entrou no bar, sentou na
cadeira, levou as mãos, falou com o dono do bar
pra apontar pra ele uma Coca-Cola e um pão de
sal com saladeira, ei
Num hospital de tudo que é doença
Num hospício, lugar de maluco louco doido
nada
pagar pra mim, ei ele tomou, quando ele acabou
nos olhos, eu perdi o óculos, perdi o óculos,
perdi o óculos que estava comigo, um óculos
escuro, parecia que ele tinha me dado um boléio
na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou
no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu cai por
cima do óculos e o óculos e eu fiquei no chão,
ei voto, ei voto uma velhinha, na porta do aparta-
mento dela, me levantou, disse que não tinha

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana, aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís foi ao bar, eu estava ao lado do Luís, caminhando ao lado do Luís na rua Voluntários da Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Coca-Cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha

sido nada, pra mim parar de ficar chorando, aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”,... ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi, porque eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luís, o Luís é meu amigo, aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital.

X

Ainda era Rio de Janeiro, Botafogo
Eu me confundi comendo pão
Eu perdi o óculos
Ele ficou com o óculos
Passou a língua no óculos pra tratar o óculos
com a língua
Ela na vigilância do pão sem poder ter o pão
Essa troca de sabedoria de idéia de esperteza
Dia tarde noite janeiro fevereiro dezembro
Fico pastando no pasto à vontade
Um homem chamado cavalo é o meu nome
O bom pastor dá a vida pelas ovelhas

X

Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital



É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
Pelas paredes você também não pode
Pelas camas também você não vai poder ficar
Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo



Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e
remédio
E era um banho de chuveiro, uma bandeja de
alimentação
E viagem sem eu saber para onde ia
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova

O remédio que eu tomo me faz passar mal
E eu não gosto de tomar remédio pra ficar
passando mal
Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico
cambaleando
Quase levo um tombo
E se eu levo um tombo eu levanto
Ando mais um pouquinho, torno a cair

Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo
portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no
portão
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais

Mais de quinhentos milhões e quinhentos mil
moradores
morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá
Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá.
E todo dia dá segunda terça quarta quinta...

Sinto muita sede muito sono muita preguiça
muito cansaço

Fico na malandragem na vagabundagem como
marginal

E como malandra como marginal como malandra
na malandragem

Na vagabundagem e na vadiagem como marginal

X

Adult no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pensa
Eles vivem sem pensar
Como devem fazer
No dia seguinte quem saber
de reconhecer o dia que passou
Mas não tem ninguém que pensa
e trabalha pela inteligência


Parte II

Eu sou Stela do Patrocínio, muito bem patrocinada

Parte II
Eu sou Stela
do Patrocínio,
muito bem
patrocinada

X

Aqui no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pense
Eles vivem sem pensar
Comem bebem fumam
No dia seguinte querem saber
de recontinuar o dia que passou
Mas não tem ninguém que pense
e trabalhe pela inteligência


Não trabalho com a inteligência
Nem com o pensamento
Mas também não uso a ignorância

Eu sou seguida acompanhada imitada
assemelhada
Tomada conta fiscalizada examinada revistada
Tem esses que são igualzinhos a mim
Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim
Mas que são diferentes da diferença entre nós
É tudo bom e nada presta



Dias semanas meses o ano inteiro
Minuto segundo toda hora
Dia tarde a noite inteira
Querem me matar
Só querem me matar
Porque dizem que eu tenho vida fácil
Tenho vida difícil
Então porque eu tenho vida fácil tenho vida difícil
Eles querem saber como é que eu posso ficar
nascendo
Sem facilidade com dificuldade
Por isso é que eles querem me matar



Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo

Eu sou Stela do Patrocínio
Bem patrocinada
Estou sentada numa cadeira
Pegada numa mesa negra preta e crioula
Eu sou uma nega preta e crioula
Que a Ana me disse

Vim de importante família
Família de cientistas, de aviadores
De criança precoce prodígio poderes
Milagres mistério

Nasci louca
Meus pais queriam que eu fosse louca
Os normais tinham inveja de mim
Que era louca

Eu já fui operada várias vezes
Fiz várias operações
Sou toda operada
Operei o cérebro, principalmente

Eu pensei que ia acusar
Se eu tenho alguma coisa no cérebro
Não, acusou que eu tenho cérebro
Um aparelho que pensa bem pensado
Que pensa positivo
E que é ligado a outro que não pensa
Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar

Eles arrancaram o que está pensando
E o que está sem pensar
E foram examinar esse aparelho de pensar e não
pensar
Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu
cérebro

Estudar fora da cabeça
Funcionar em cima da mesa
Eles estudando fora da minha cabeça
Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria



Eu era viajante
Viajei no Rio de Janeiro São Paulo Petrópolis
Belo Horizonte Minas Gerais Engenho de Dentro
Sacra Família Itanhandu
E aqui no Teixeira eu já saí várias vezes
Fui à festa no Franco da Rocha
Ulisses Viana bloco médico administração ver
televisão
Eu não esperava vir parar aqui no Teixeira
Brandão
Porque eu tive dentro do trem elétrico
Andei nove vagões no trem elétrico
Porque eu tive num trem que tinha restaurante
dormitório e banheiro

Eu estava em lugares grandes iguais a este
A serviço a trabalho e a estudo
Sou profissional: lavo passo
engomo encero cozinho
Estava em lugares grandes iguais a este
A serviço a trabalho e a estudo
Eu bacharelei no estudo
Estou aposentada de casa de família
Sou da Família
Sou familiar

X

Nessa família que eu estou não ganho pagamento
Não ganho ordenado
Não posso comprar um guaraná uma coca-cola
um maço de cigarros
Uma caixa de fósforos
Porque eu não ganho pagamento
Não ganho ordenado de quinhentos milhões e
quinhentos mil cruzeiros

Meu passado foi um passado de areia
Em mar de Copacabana
Cachoeira de Paulo Afonso
Bem dentro da Lagoa Rodrigo de Freitas
No Rio de Janeiro

O futuro eu queria
Ser feliz
E encontrar a felicidade sempre
E não perder nunca o gosto de estar gostando

O que eu penso em fazer da minha vida
É encontrar a felicidade, ser feliz
Ficar gostando e não perder o gosto
Ser feliz
Encontrar a felicidade
E não perder o gosto de estar gostando

Eu sei que o meu passado
Eu prestei bem atenção como foi
O presente
Eu continuo prestando atenção como é
Mas o futuro
Eu não sei como vai ser
É difícil de eu descobrir
Como vai ser o meu futuro

Parte III

**Nos gases
eu me formei,
eu tomei cor**

X

Eu não queria me formar
Não queria nascer
Não queria tomar forma humana
Carne humana e matéria humana
Não queria saber de viver
Não queria saber da vida

Eu não tive querer
nem vontade pra essas coisas
E até hoje eu não tenho querer
nem vontade pra essas coisas



Quando eu produzi, que eu parti
 Eu estava subindo a escada com uma criança
 Eu ainda era claro, branco
 Da noite pro dia eu fiquei preto
 Ou se foi do dia pro noite, eu fiquei branco
 Eu fiquei preto
 Eu sei que eu tomei cor
 Nos gases eu me tomei
 Eu tomei cor
 Ai eu já produzi uma criança no colo
 Outra no corpo
 Sem eu saber que estava produzindo

Me ensinaram a viver
 Me ensinaram a fazer o bem e o mal
 Escolher entre o bem e o mal
 Estou começando a passar mal
 Mal do cérebro?
 Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro
 Da cabeça, tô me sentindo fodida



Não sou eu que gosto de nascer
 Eles é que me botam pra nascer todo dia
 E sempre que eu morro me ressuscitam
 Me encarnam me desencarnam me reencarnam
 Me formam em menos de um segundo
 Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde
 eu estiver
 Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
 Ou pra cabeça deles e pro corpo deles

X X

Eu sobrevivi do nada, do nada
Eu não existia
Não tinha uma existência
Não tinha uma matéria
Comecei a existir com quinhentos milhões
e quinhentos mil anos
Logo de uma vez, já velha
Eu não nasci criança, nasci já velha
Depois é que eu virei criança
E agora continuei velha
Me transformei novamente numa velha
Voltei ao que eu era, uma velha

X

Quando eu produzi, que eu pari
Eu estava subindo a escada com uma criança
Eu ainda era clara, branca
Da noite pro dia eu fiquei branca
Ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca
Eu fiquei preta
Eu sei que eu tomei cor
Nos gases eu me formei
Eu tomei cor
Aí eu já produzi uma criança no colo
Outra no corpo
Sem eu saber que estava produzindo uma criança
pequena
De tamanho grande e de saúde
Eu também estava com saúde
Eu ia subir sempre a escada com as duas crianças
E deixar no apartamento e ir embora
Ou então tornar a descer as escadas com duas
crianças

Era Rio de Janeiro
Ainda era Botafogo
Eu me confundi comendo pão ganhando pão

X

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
Eu era ar, espaço vazio, tempo
E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó
Eu não tinha formação
Não tinha formatura
Não tinha onde fazer cabeça
Fazer braço, fazer corpo
Fazer orelha, fazer nariz
Fazer céu da boca, fazer falatório
Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
Ser útil, inteligente, ser raciocínio
Não tinha onde tirar nada disso
Eu era espaço vazio puro

Eu não sei como pode formar uma cabeça
Um olho enxergando, nariz respirando
Boca com dentes
Orelhas ouvindo vozes
Pele, carne, ossos
Altura, largura, força
Pra ter força
O que é preciso fazer?
É preciso tomar vitamina

Eu sou espaço puro, ar, espaço vazio, tempo
Eu sou ar, espaço vazio, tempo
E espaço puro, ar, espaço vazio, ó
Eu não tinha formação
Não tinha onde fazer cabeça
Fazer corpo, fazer corpo
Fazer o resto, fazer tudo
Fazer céu da terra
Fazer músculo, fazer tudo
Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
Fazer cabeça, pensar em algumas coisas
Ser útil, inteligente, ser raciocínio
Não tinha onde tirar nada disso
Eu sou espaço vazio puro

Parte IV

Eu enxergo o mundo

Eu não sei como pode formar uma cabeça
Um olho enxergando, nada respirando
Boas com dentes
Outras ouvindo vozes
Fala, cantar, assar
Alguns largar força
Pra ter força
O que é preciso fazer?
É preciso tomar vitamina

Eu não sei quem fez você enxergar
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos
Ter pele ter carne ter ossos
Ter altura ter largura
Ter o interior ter o exterior
Ter um lado o outro a frente os fundos
Em cima em baixo
Enxergar
Como é que você consegue enxergar
E ouvir vozes?

Eu não tenho cabeça por não
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro

Eu sei que tem olho
Mas olho pra fazer enxergar como?

Quem toca pra enxergar
se não sou eu de fato pra enxergar?

Eu acho que é ninguém
Enxerga sozinho
Ele se enxerga sozinho

Estou enxergando agora você
Enxergando palácio enxergando o mundo
Enxergando a casa enxergando mesas cadeiras
Enxergando paredes cercando o chão cercando teto
Enxergando teto
Enxergando papelões sobre a parede
Papelões sobre a parede
Mesas e cadeiras sobre o chão

Eu não tenho cabeça boa não
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro
Não sei o que tem aqui dentro

Eu sei que tem olho
Mas olho pra fazer enxergar como?

Quem bota pra enxergar
se não sou eu que boto pra enxergar?

Eu acho que é ninguém
Enxerga sozinho
Ele se enxerga sozinho

Eu vejo o mundo e a família
O mundo e a família
A família que vive no mundo
E vive na casa que está sempre no mundo
E que está sempre na casa...
E a Dra Elisabeth disse assim pra mim
E você queria ver mais do que isso pra quê?
E você queria ver mais do que isso pra que?

Eu não sou da casa, não sou da família
Não sou do ar
Do espaço vazio, do tempo, dos gases
Não sou do tempo, não sou do tempo
Não sou dos gases, não sou do ar
Não sou do espaço vazio, não sou do tempo
Não sou dos gases, não sou da casa
Não sou da família, não sou dos bichos
Não sou dos animais. Sou de Deus
Um anjo bom que Deus fez
Pra sua glória e seu serviço

É a mesma mulher é o mesmo homem
É a mesma criança é o mesmo bicho
É o mesmo animal é o mesmo espírito
É a mesma alma é o mesmo Deus
É a mesma Nossa Senhora
É o mesmo Menino Jesus no tempo

O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio

No céu
Me disseram que deus mora no céu
No céu na terra em toda parte
Mas não sei se ele está em mim
Ou se ele não está
Eu sei que estou passando mal de boca
Passando muito fome comendo mal
E passando mal de boca
Me alimentando mal comendo mal
Passando muito fome
Sofrendo da cabeça
Sofrendo como homem mental
E no presídio de mulheres
Cumprindo a prisão perpétua
Governando um processo
Sempre processada

Parte V

A parede ainda não era pintada de tinta azul

No céu
Me disseram que deus mora no céu
No céu na terra em toda parte
Mas não sei se ele está em mim
Ou se ele não esta
Eu sei que estou passando mal de boca
Passando muita fome comendo mal
E passando mal de boca
Me alimentando mal comendo mal
Passando muita fome
Sofrendo da cabeça
Sofrendo como doente mental
E no presídio de mulheres
Cumprindo a prisão perpétua
Correndo um processo
Sendo processada

Eles disseram pra mim
Você não pode passar sem um homem
Sem mulher sem criança sem os bichos sem os
animais
Mas alimentação e super-alimentação você
também não pode ter

Tive na avenida Rio Branco
A rua inteirinha cheia de homens
E eu me alimentei bem alimentada
Eles me deram alimentação de vitamina de abacate
De mamão de banana de aveia
Tive na Avenida Rio Branco
Tive na avenida Presidente Vargas
Tive na avenida Nilo Peçanha
Tive na Avenida Nossa Senhora de Copacabana
Em Copacabana tive muitos homens mesmo

Só depois da relação sexual é que eu posso
carregar tudo pela língua e pela boca

Tinha terra preta no chão
Um homem foi lá e disse
Deita aí no chão pra mim te foder
Eu disse não
Vou me embora daqui
Aí eu saí de lá vim andando
Ainda não tinha esse prédio
Não tinha essa portaria
Não tinha esse prédio
Não tinha essa portaria
Não via tinta azul pelas paredes
A parede ainda não era pintada de tinta azul

Eu fui agarrada quando eu estava sozinha
Não conhecia ninguém não conhecia nada
Não via ninguém não via nada
Nada de cabeças e corpos
Nada de casa nada de mundo
Eu não conhecia nada eu era ignorante

Depois que eu fui agarrada pra relação sexual e
pra foder
Depois, só depois eu comecei a ter noção e ficar
sabendo

Antes eu não fazia nada
Não dependia de nada
Não fazia nada
Era como uma parasita
Uma paralisia um câncer

Minha vida é só comer beber e fumar
Só presto pra beber comer e fumar
Eu aprendi comer beber e fumar
Eu não sabia
Aprendi quando fui agarrada pra relação sexual
E quando fui fodida

Eu já produzi uma criança no colo outra no corpo
Sem eu saber que estava produzindo uma criança

pequena

De tamanho grande e de saúde

Eu também estava com saúde

Era Rio de Janeiro

Ainda era Botafogo

Eu me confundi comendo pão ganhando pão

Tá respirando tá enxergando tá ouvindo vozes

Tá com dentes completos e fortes

Tá com um pouquinho de cabeleira

Tá de brinco tá bem vestida bem calçada

Toda quarta feira você vem

Já tá com cabeça

Tá com pele tá com carne tá com ossos

Pra poder ter uma alimentação
É preciso depender sempre de uma fêmea
Dos filhos todinhos da fêmea
Da fêmea dos filhos todinhos da fêmea
Dos bichos dos animais todinhos da fêmea
Recolher tudo botar tudo pra dentro pra fora pra
cima pra baixo
De um lado de outro pela frente pelo fundo
Pela boca pelos olhos pela cabeça
Pela pele pela carne pelos ossos
Pela larguez pela altura
Pelo corpo todo

Quem sofre sou eu
Quem passa mal sou eu

Parte VI

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome

A vida a gente tem que aceitar como a vida é
E não como a gente quer
Se fosse como eu queria
Eu não queria ver ninguém no mundo
Não queria ver ninguém na casa
Queria estar toda hora comendo bebendo fumando
Assim é que eu queria que fosse meu gosto

Mas como eu pulei muro despulei muro
Pulei portão despulei portão
Pulei lá de cima pro lado de fora
Do lado de fora pro lado de dentro
Quer dizer que eu...

Não é como eu gosto
Eu não esperava pular muro pular portão
Pular janela despular janela

Todo dia dá segunda terça quarta quinta sexta
sábado domingo
Janeiro fevereiro março abril maio junho julho
agosto setembro outubro novembro dezembro
Estamos no mês de junho e hoje é quarta-feira
Do dia não sei

Quando o sol penetra no dia
dá um dia de sol muito bonito muito belo

A realidade é esta folha
Este banco esta árvore
Esta terra
É este prédio de dois andares
Estas roupas estendidas na muralha

Lá no portão eu disse
Quero pastar à vontade que nem camelo
Pra ver como fica o resultado da história da vida
de Cristo

Antes era um macaco, à vontade,
Depois passei a ser um cavalo
Depois passei a ser um cachorro
Depois passei a ser uma serpente
Depois passei a ser um jacaré

Primeiro veio o mundo dos vivos
Depois no entre a vida e a morte
Depois dos mortos
Depois dos bichos e dos animais

Depois do entre a vida e a morte
Depois dos mortos
Depois dos bichos e dos animais
Só fica a vontade como bicho e como animal

Não gosto de bicho não gosto de animal
Apesar de que existe bicho existe animal
Mas eu não gosto de bicho não gosto de animais

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro camelo onça
Tigre leão dinossauro
Macacos girafas tartarugas
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro jardim zoológico
Quinta da Boa Vista

Parte VII

**Botando o mundo
inteiro pra gozar e
sem gozo nenhum**

Parte VII
sem gozo nenhum
inteiro pra gozar e
Botando o mundo

Perdi o gosto o prazer o desejo a vontade o querer

Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro jardim zoológico
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Reino dos felinos e dos animais é o meu nome
Mascos girafas tartarugas
Tigre leão dinossauro
Os animais: dinossauro camelo onça
Mundo dos felinos e dos animais
Hospital de tudo quanto é doença
Espaço humano estilo de velhos
Cantinho de tudo cadáver
Meu nome verdadeiro é casarão entano

Eu não tenho coragem de enfrentar nada
Eu tenho que enfrentar a violência
A brutalidade e a grosseria
E ir à luta pelo pão de cada dia

Eu sou mundial podre
Tudo pra mim é merda durinha à vontade
Até ser contaminada e contaminada até ser
merda pura
E é merda fezes excremento bosta cocô
Bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro
porra
Diarréia disenteria água de bosta e caganeira

Não deu tempo
Eu estava tomando claridade e luz
Quando a luz apagou
A claridade apagou
Tudo ficou nas trevas
Na madrugada mundial
Sem luz

Eu não sei o que fazer da minha vida
Por isso eu estou triste
E fico vendo tudo em cima da minha cabeça
Em cima do meu corpo
Toda hora me procurando me procurando
E eu já carregada de relação sexual
Já fodida
Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo
nenhum

Tô carregada de uma relação total
Sexual
Fodida
Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo
nenhum

Você está me comendo tanto pelos olhos
Que eu já não tenho de onde tirar força
Pra te alimentar

Eu sei que você é uma olho
Uma espia que faz espionagem
É um fiscal um vigia também
É uma criança prodígio precoce poderes
Milagre mistério
É uma cientista
já nasce rica e milionária

Você nasce sempre
Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
Tem sua família
Eu não tenho mais família
Minha família toda já morreu
Tô na família do cientista

É quadrilha exército povoado
Bloco médico escoteiros e bandeirantes
Isso é família porque é família é família
Tudo é família
Você não é família?

Uma família é uma reunião uma reunião
Uma família pra mim é uma reunião de médicos e
cientistas

Minha família era a família que se garantia
E sumiu de repente desapareceu mudou
Mudou não sei se foi porque mudaram as
vestimentas

A família toda com as mesmas roupas
Com as roupas iguais
E aí mudou as roupas
Pra poder ficar mais difícil a diferença entre nós

Escoteiros quem vence são bandeirantes
Bandeirantes quem domina e vence são
escoteiros

Família é quadrilha exército povoado
Bloco médico escoteiros bandeirantes
Corpo de bombeiros quadrilha exército
Povoado bloco médico corpo de bombeiros

Se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo
E perna pra cima
Meter tudo dentro da lata do lixo e fazer um aborto
Será que acontece alguma coisa comigo?
Vão me fazer alguma coisa?

Se eu pegar durante a noite novamente a família
toda de cabeça pra baixo
E perna pra cima
Jogar lá de dentro pra fora
Lá de cima cá pra baixo
Será que ainda vai continuar acontecendo
alguma coisa comigo?

Eu tenho muito mal pensamento
Mas não sou eu que faço mal pensamento
Eu não sei quem é
Mas não sou eu que faço mal pensamento

Me ensinaram a morder chupar roer lamber e dar
dentadas

Este gravador está gravando?
Parece um livro de texto, está comportando
Muito comportado, está se comportando
Ele poderia ser como um texto mesmo
Mas está parecendo um livro de texto
Ele não fala

Parte VIII

Procurando falatório

Parte VIII
Procurando
Patrocínio

Este gravador está gravando?
Parece um livro de reza, está comportado
Muito comportado, está se comportando
Ele poderia ser como um rádio mesmo
Mas está parecendo um livro de reza
Ele não fala

Eu gosto mesmo é de escrever
De fazer número
Em papelão
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia

Eu já falei em excesso em acesso muito e demais
Declarei expliquei esclareci tudo
Falei tudo que tinha que falar
Não tenho mais assunto mais conversa fiada
Já falei tudo
Não tenho mais voz pra cantar também
Porque eu já cantei tudo que tinha que cantar
Eu cresci engordei tô forte
Tô mais forte que um casal
Que a família que o exército que o mundo que a casa
Sou mais velha do que todos da família

Eu já não tenho mais voz
Porque já falei tudo o que tinha que falar
Falo, falo, falo, falo o tempo todo
E é como se eu não tivesse falado nada
Eu sinto fome matam minha fome
Eu sinto sede matam minha sede
Fico cansada falo que tô cansada
Matam meu cansaço
Eu fico com preguiça matam minha preguiça
Fico com sono matam meu sono
Quando eu reclamo

Me transformei com esse falatório todinho
Num homem feio
Mas tão feio
Que não me agüento mais de tanta feiúra
Porque quem vence o belo é o belo
Quem vence a saúde é outra saúde
Quem vence o normal é outro normal
Quem vence um cientista é outro cientista

Já falei de mundo de casa
De prédio de família
De que mais eu vou falar?
Então eu já vou...

STELA POR STELA

Fala pra gente, Stela, há quanto tempo você está aqui na colônia?

Tem pra mais de doze anos

Como é que você veio parar aqui?

Fui viajante, sou muito viajada
Viajei muito, gostava muito de viajar
Gostava muito da viagem
Viajei São Paulo Rio de Janeiro Petrópolis Belo Horizonte
Minas Gerais São Paulo
Fui da Praça Mauá até São Paulo a Pé

Quanto tempo você demorou?

Um dia e uma noite
Depois fui do Rio de Janeiro
Fui de Copacabana Ipanema Copacabana Ipanema
Gávea e Copacabana Ipanema Leblon Botafogo Jardim Botânico Largo do Machado Flamengo Até Central do Brasil a pé também
Sempre andando a pé

Como é o seu dia a dia aqui na colônia?

Segunda terça quarta quinta sexta sábado domingo
Janeiro fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro Novembro dezembro
Dia tarde noite
Eu fico pastando à vontade
Fico pastando no pasto à vontade que nem cavalo
Ele já disse
Um homem chamado cavalo
É o meu nome

Mas você gosta dessa vida?

Gosto, gosto de ficar pastando à vontade
Ficar só pastando

E você não tem vontade de fazer outra coisa?

Não, eu não tenho vontade de fazer outra coisa
A não ser ficar pastando
Pastar pastar pastar ficar pastando à vontade
O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas
A lei é dura mas é lei
Dura lex sed lex no cabelo só gumex

Quantos anos você tem?

Quinhentos milhões e quinhentos mil
A idade dos moradores do núcleo Teixeira
Brandão Jacarepaguá

Você tem parentes? Você se lembra de algum parente seu?

Eu tava com a família
Tava andando de família em família no Rio de janeiro
Nas cidades grandes em que eu estava feliz e trabalhava

Você trabalhava com o quê no Rio de Janeiro?

Eu trabalhava em casa de família
Fazia todos os serviços
Qualquer um serviço

E você gostava desse trabalho?

Gostava porque era lavar passar encerar engomar cozinhar

E aqui você não tem vontade de lavar, cozinhar?

Não

Porque?

Porque eu não suporto mais
Não gosto mais

Você não tem vontade de produzir alguma coisa de ganhar dinheiro?

Eu tenho vontade de ganhar dinheiro mas não tenho vontade de produzir nunca

Você tem alguma idéia de como ganhar dinheiro sem produzir?

...
Não, não tenho agora nenhuma idéia
... Ah! ganhar dinheiro sem produzir é ficar na fiscalização
Na vigilância na espionagem

Se você ganhasse dinheiro o que você faria com esse dinheiro?

Eu ia comprar alimentação e super alimentação pra mim não morrer de fome
Eu tô morrendo de fome

Você passa muito mal aqui?

Passo mal porque eu tomo constantemente injeções
Injeções para homem e o líquido desce

Quem é que te dá essas injeções?

O invisível polícia secreta o sem cor

E pra que servem essas injeções?

Pra forçar a ser doente mental

No dia que você parar essas injeções você fica curada?

Fico completamente curada se eu não tomar remédio
Não tomar injeção não tomar eletrochoque
Eu não fico carregada de veneno
Envenenada

Você toma eletrochoque?

Eu tomei no pronto socorro do Rio de Janeiro e continuo tomando aqui

E quem dá eletrochoque aqui?

Os que trabalham com a falange falanginha falangeta
Os que trabalham com a voz ativa média e reflexiva
Refletindo bem no que está falando

O que você estudou, Stela?

Estudei em livro
Linguagens
Comment allez vous?
Como você está? thank you very much
O tanque da vera tá cheio de mate
Ça va bien, a Sra. vai bem?

Quem te ensinou inglês e francês?

Eu estava na escola prendendo a ler e escrever

Você foi até que ano na escola?

Fiz o curso primário admissão ginasial normal

Você é professora?

Não sou professora mas tive o trabalho de estudar letra por letra
Frase por frase folha por folha

Você se casou?

Me casei como?

Você já foi casada?

Casada como?

Já morou com homem?

Morou com homem como?

Viveu junto com homem, com parceiro, não sabe o que é casar?

Casar é ter um filho durante muitos dias semanas mês o ano inteiro
Ficar com a casa cheia e cheia de preocupação em si
Com o companheiro e com os filhos?

E a sua família, pais e irmãos, você não tem?

Eu sou indigente
Não tenho ninguém por mim não

Stela, quais são teus desejos?

Meu desejo é crescer e multiplicar

Crescer você tá bem crescidinha e multiplicar? Você nunca teve filhos?

Eu já botei tudo pra fora
Depois que botei tudo pra fora fui obrigada a botar pra dentro
E me ensinaram a ser rápida ligeira e a ter velocidade

E atualmente você bota as coisas pra fora ou pra dentro?

Pra dentro

O que você tá botando pra dentro agora?

O chocolate que eu botei pra dentro

Você que eu tô botando pra dentro
A família toda que eu tô botando pra dentro
O mundo que eu tô botando pra dentro
De tanto olhar

de tanto?

Olhar
De tanto enxergar olhar ver espiar
Sentir e notar
Tô botando tudo pra dentro porque botando
pra dentro eu botei pra fora

Você gostou da visita que a gente fez ao zoológico?

Não gostei não porque não gosto de bichos
Não gosto de animais
Sei que primeiro a gente vive vive vive até
cansar de tanto viver
Morre até cansar de tanto morrer vira bicho
vira animal
A Sra. não acredita?
Nós fomos lá no seu zoológico e vimos né?
como nós ficamos
Se não tiver tratamento como fica
Vira bicho
Também vira animal se não tiver tratamento

Seu nome é Stela, você sabe o que quer dizer Stela?

Estrela
Estrela do mar

Você é uma estrela mesmo, você brilha

Eu queria brilhar ser limpinha gostar de limpeza
Gostar do que é bom gostar da vida

Saber ser mulher da vida
Dar a vida por alguém que tivesse morrendo
Que tivesse doente
Fazer meu papel de doutora

Fala uma poesia pra gente

Não
Não tenho mais lembrança de poesia mais
nenhuma

Tudo que você fala é poesia Stela

É só história que eu tô contando, anedota

CRONOLOGIA

1941- a 9 de janeiro nasce Stela do Patrocínio, Filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio.

1962- em 15 de agosto, ao 21 anos, é internada no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de dentro.

1966- a 3 de março é transferida para a Colônia Juliano Moreira.

1986 a 1988- A artista plástica Neli Gutmacher, professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e seu grupo de alunos, foram convidados pela Psicóloga da então Colônia Juliano Moreira, Denise Correia, para montar um ateliê naquele hospital, com o objetivo de proporcionar o relacionamento entre artistas e pacientes. Nesta época Stela estabelece um vínculo com a artista Neli Gutmacher e com a estagiária Karla Gaguillard, que gravam as conversas que constam neste livro.

Ainda em 1988 é realizada a exposição "Ar Subterrâneo", no Paço Imperial, onde são expostos, entre outros trabalhos, algumas falas de Stela transcritas para pequenos quadros. É apresentado, ainda, um vídeo com as internas, entre elas Stela.

1991- A estagiária de psicologia Mônica Ribeiro de Souza, coordenada pela então diretora do Museu Nise da Silveira, Denise Correia, grava e transcreve os atendimentos que fazia com Stela, organizando-os, juntamente com alguns poemas da exposição no Paço, em um pequeno livro datilografado.

1992- Stela é internada no Hospital Cardoso Fontes com hiperglicemia grave, culminando com a amputação de uma de suas pernas. Retorna, em fase de convalescência, para a Unidade Hospitalar de Apoio Clínico, na Colônia. É quando então faz um quadro depressivo: recusava-se a comer e entra quase total mutismo. Esta recusa termina por agravar o processo, permitindo que se instale um quadro infeccioso grave, que termina por levar ao falecimento. Todo este processo aconteceu em cerca de dois meses.

Nota1: Em 1996 a então Colônia Juliano Moreira foi municipalizada e desmembrada em algumas Unidades. O Núcleo Teixeira Brandão, onde Stela vivia, se localiza no hoje denominado **Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira**.

Nota2: Em 2000 o Museu que se chamava Nise da Silveira passou a se chamar **Museu Bispo do Rosario**.

Viviane Mosé é Capixaba, radicada no Rio desde 1992. É psicóloga e psicanalista, mestra e doutoranda em filosofia pelo IFCS-UFRJ. É escritora, com diversos livros publicados, além de artigos em revistas especializadas. Como poeta, participou das coletâneas **Saco de Gatos** (Ímã, 1985) e **7 + 1** (Francisco Alves, 1997). Publicou seu primeiro livro, **Escritos**, (Ímã, Sub-Reitoria Comunitária UFES, 1990) e seu segundo livro, **Toda Palavra**, (Sette Letras, 1997) agora em sua terceira edição, e **Pensamento Chão**, (Sette Letras, 2001). Participou em 1999 do livro **Imagem Escrita** (Graal, 1999), coletânea de artistas plásticos e poetas, escrevendo sobre o trabalho do artista plástico Daniel Senise. Participou ainda da coletânea de artigos filosóficos "**Assim falou Nietzsche**" (Sette Letras/UFOP, 1999). Coordena grupos de estudos em filosofia e é professora de Filosofia e Psicanálise na Universo em Niterói.



Esta obra foi composta em
Bookman Old Style, e impressa
na Gráfica Imprinta, em papel
pólen bold 80g, para a
Azougue Editorial,
em novembro de 2001.

tiragem: 1000 exemplares

Mas uma leitura mais atenta
contrapõe esse prazer lúdico da
linguagem com a densidade do
conteúdo. É como se Stela
tivesse a língua, mas não o
tempo. Os poemas dela
parecem um eterno
(re)construir de uma identidade,
num exercício certamente
doloroso e esvanecente. Como
se cada instante fosse
primordial, sem todo o nosso
arcabouço de memória ou nosso
"capital de mentiras". Os
objetos aparecem concretos,
em estado puro, como se vistos
pela primeira vez. E isso só
torna o livro mais interessante:
a aventura de entrar no
estranho mundo de Stela pode
ser árdua, mas certamente rica
e diversificada.

O povo, o inventa-línguas, como
diz Maiakóvski, ganhou mais
uma voz. E isto tem que ser
sempre celebrado.

Sergio Cohn